

resistir ao lorde evie dunmore

Tradução de Rui Azeredo

*Para o Brad e a Judy,
as pessoas mais genuinamente bondosas
que extraem sempre o melhor de mim.*

Capítulo 1



Buckinghamshire, verão de 1885

As jovens senhoritas não se deitam de bruços no tapete, atrás do sofá da biblioteca, a jogar xadrez contra elas próprias. Não enchem as bochechas com doces antes do pequeno-almoço. Lucie tinha noção disso. Mas eram as férias de verão e até agora as mais enfadonhas: Tommy viera de Eton para casa armado num arrogante que já não brincava com as raparigas; a recém-chegada prima Cecily era o tipo de criança que chorava com facilidade; e, praticamente com treze anos, Lucie descobriu que era demasiado jovem para simplesmente morrer decorosamente de tédio. Já a sua mãe, por outro lado, provavelmente consideraria isto uma morte bastante nobre. Mas a verdade é que para a Condessa de Wycliffe a maioria das coisas eram preferíveis a um comportamento espevitado.

O cheiro a couro e pó imiscuíra-se no nariz dela e a biblioteca encontrava-se agradavelmente silenciosa. O sol matinal banhava o tabuleiro de xadrez e levou a rainha branca a brilhar como um farol. Ela corria perigo — um cavaleiro indomável montara uma armadilha e Sua Majestade podia agora optar por se sacrificar para proteger o rei ou deixá-lo cair. Os dedos de Lucie pairaram sobre a coroa de marfim polido, indecisos.

Ecoaram passadas rápidas no corredor.

Os tacões delicados da mãe — mas a mãe nunca corre?

A porta abriu-se de repente.

— Como é que pudeste? Como é que pudeste?

Lucie estacou. A voz da mãe tremia de raiva.

A porta voltou a bater ao fechar-se e com a força o chão tremeu.

— À frente de toda a gente, de todo o salão...

— Vá lá, tens de continuar assim?

Sentiu um vazio no estômago. Era o pai dela, num tom preocupado, gelido e cortante.

— Toda a gente sabe, enquanto eu estou acamada em casa, alheada de tudo!

— Santo Deus. A esposa do Rochester dizer-se tua amiga é algo que me ultrapassa... enche-te os ouvidos de mexericos e agora olha só para ti, desvairada como uma louca. Bem que a devia ter mandado embora ontem à noite; é mesmo dela, aquela inconstante, fazer-se de convidada, chegar tarde e sem avisar...

— Ela fica — disse prontamente a mãe. — Tem de ficar... uma pessoa honesta num ninho de víboras.

O pai dela riu-se.

— *Lady Rochester*, honesta? Já viste bem o filho dela? Que rapazinho ruivo mais estranho... estava capaz de apostar mil libras que nem sequer é rebento do Rochester...

— E tu, *Wycliffe*? Quantos rebentos andaste por aí a espalhar com os teus arranjinhos?

— Essa agora. Isso não é digno de ti, mulher.

Seguiu-se uma pausa, que se estendeu e se tornou pesada como uma manta de chumbo.

O coração de Lucie batia intensamente contra as costelas, com tal força que até doía, as batidas tão altas que eles por certo ouviriam.

Um soluço quebrou o silêncio e atingiu-lhe o estômago como um soco. A mãe dela chorava.

— Imploro-te, *Thomas*. Que mal fiz eu para nem sequer seres discreto?

— Discrição... Minha senhora, os teus guinchos ouvem-se a quilómetros daqui!

— Dei-te o *Tommy* — disse ela entre soluços. — Quase morri no parto e ainda assim andas por aí a exhibir aquela... aquela pessoa... diante de toda a gente.

— Santa paciência... Porque é que estou acorrentado a uma mulher tão sentimental?

— Amo-te tanto, *Thomas*. Porquê? Porque é que não consegues amar-me?

Um resmungo, carregado de impaciência.

— Amo-te o suficiente, mulher, embora esse histerismo me ponha à prova.

— E porque tem de ser assim? — A mãe ajoelhou-se. — Porque é que não sou suficiente para ti?

— Porque, minha querida, sou um homem. E agora será que posso ter um pouco de paz na minha biblioteca, por favor?

Uma hesitação, seguida de um arquejo que soou a rendição.

O baque da pesada porta a fechar-se de novo ecoou vindo de alguma distância. Um rugido preencheu os ouvidos de Lucie. Tinha a garganta cheia de doces; teria de respirar pela boca. Só que ele iria ouvi-la.

Conseguiria aguentar. Não respiraria.

O *clique* de um isqueiro. Wycliffe acendera um cigarro. O soalho rangeu. Couro rangeu. Instalara-se na sua poltrona.

Ela sentia os pulmões a arder e tinha os dedos brancos como osso, com um ar estranho como garras sobre os redemoinhos entontecedores do tapete.

Mas manteve-se em silêncio. Rei e rainha desfocaram-se diante dos seus olhos.

Ela conseguia aguentar.

A sua visão começou a ensombrecer pelas bordas. Parecia que nunca mais voltaria a respirar.

Papel a rumorejar. O conde lia as notícias matinais.



A um quilómetro e meio da biblioteca, nas profundezas do bosque verde de Wycliffe Park, Tristan Ballentine, o segundo filho do conde de Rochester, acabara de decidir passar todos os seus verões vindouros em Wycliffe Hall. Poderia ter de travar amizade com Tommy, o Pedante-Mor de Eton, para levar à prática o seu plano, mas as caminhadas matinais sozinho valeriam bem isso. Ao contrário da propriedade da sua família, onde todos os arbustos eram podados e registados, Wycliffe Park deixava a natureza seguir o seu rumo. As árvores retorciam-se. Os arbustos esparramavam-se. O ar tornava-se doce com a fragrância das flores do bosque. E ele encontrara um lugar mais do que apropriado para ler Wordsworth: uma clareira circular na extremidade de um caminho afundado. Ao centro imperava uma enorme pedra erguida.

O orvalho humedeceu-lhe as pernas das calças enquanto circundava o monólito. Era estranhamente parecido com uma pedra de fadas, desgastada e

cónica, ali plantado desde antes dos tempos. Naturalmente, aos doze anos era demasiado velho para acreditar em fadas e afins. O seu pai deixara isso bem claro. Também a poesia era proibida no Castelo de Ashdown. Frases românticas não encaixavam no lema dos Ballentine, «Com Valor e Vigor». Mas, aqui, quem poderia encontrá-lo? Quem o veria? O seu exemplar de *Baladas Líricas* de Wordsworth e Coleridge estava a postos.

Libertou-se do casaco e estendeu-o na relva, e depois deitou-se de barriga para baixo. O tecido requintado das calças raspou como cota de malha na pele rasgada das suas costas, levando-o a silvar de dor. O pai aplicava-lhe as suas lições com a ajuda de uma cana. E, na véspera, o conde mostrara-se extremamente zeloso, uma vez mais. Daí que a mãe o tivesse agarrado, a Tristan, e ele tivesse agarrado os seus livros e tivessem ido visitar a amiga dela, *Lady Wycliffe*, durante o verão.

Tentou encontrar uma posição confortável, remexendo-se para um lado e para outro, até desistir, desapertar os suspensórios e começar a desabotoar as incómodas calças. Logo a seguir, o chão começou a tremer.

Por uma fração de segundo, paralisou.

Agarrou o casaco e enfiou-se atrás da pedra erguida no preciso instante em que o cavalo negro estrondeou e surgiu à vista no caminho afundado. Um animal magnífico, a reluzir de suor e com espuma a saltar-lhe da boca. O tipo de garanhão montado por reis e heróis. Estacou de repente na clareira, projetando torrões com os cascos do tamanho de pratos.

Arquejou, surpreendido e chocado.

O cavaleiro não era um rei, nem um herói. O cavaleiro não era sequer um homem.

Era uma rapariga.

Calçava botas e vestia calças como um rapaz e montava com uma perna de cada lado, mas sem dúvida que se tratava de uma rapariga. Um cabelo louro muito claro, refrescantemente brilhante, escorria-lhe pelas costas e rodopiou em volta dela como um véu de seda quando o cavalo girou sobre si próprio.

Ele não se conseguiria mexer, nem que tentasse. Estava espantado, com o olhar fixo no rosto dela — seria real? O rosto dela... era perfeito. Delicado e em forma de coração, com sobrancelhas aladas e finas e um queixo afiado e obstinado. *Uma fada*.

Mas as bochechas apresentavam um rosado intenso e tinha os lábios cingidos. Parecia pronta para cavalgar para a batalha na grande fera negra...

Preparou-se para deslizar da sela e ele encolheu-se atrás da pedra. Ele

deveria revelar-se. Sentiu a boca a secar. O que haveria de dizer? O que se diz a uma pessoa tão bela e feroz?

As botas dela atingiram o solo com um ligeiro baque. Ela murmurou suavemente umas palavras ao garanhão. E a seguir, nada.

Ele esticou o pescoço. A rapariga desaparecera. Em silêncio, rastejou sorratamente. Quando se levantou até se agachar, viu-a deitada de costas na relva, os braços esguios bem abertos.

Ele poderia ter-se aproximado um pouco... mais um pouco, até. Endireitou-se, espreitando.

Ela tinha os olhos fechados. As suas pestanas repousavam escuras e direitas em contraste com as faces pálidas. Os fios cintilantes do seu cabelo encontravam-se abertos em leque em redor da cabeça, como raios de um alvo e frio sol de inverno.

O coração dele batia a mil. Sentiu uma dor intensa a espalhar-se dentro de si, uma urgência ansiosa, uma espécie de pavor... era uma oportunidade rara e preciosa e estava lamentavelmente impreparado para a agarrar. Não sabia da existência de raparigas como ela, a não ser nos livros de fadas, ou de princesas das sagas nórdicas que lera em segredo...

Um resfolegar irado rasgou o silêncio. O garanhão aproximava-se, com as orelhas esticadas e os dentes arreganhados.

— Que diabo — exclamou Tristan.

A rapariga abriu de repente os olhos. Olharam um para o outro, ela estendida de costas, ele acima dela.

Ela levantou-se de um pulo.

— Tu! Isto é invasão de propriedade.

Ela parecera-lhe pequena, mas eram da mesma altura.

Ele sentiu a sua expressão a paralisar num sorriso imbecil.

— Não, eu...

Olhos cinzentos tempestuosos cravaram-se nele.

— Sei quem tu és. És o filho de *Lady* Rochester.

Ele lembrou-se de curvar a cabeça, com bastante delicadeza.

— Tristan Ballentine. Às suas ordens.

— Estavas a espiar-me?

— Não. Sim. Bem, um bocadinho — admitiu, pois era verdade.

Foi o pior momento para se recordar de que a aba das calças se encontrava ainda semiaberta. Num ato reflexo, levou a mão aos botões, sendo o gesto acompanhado pelo olhar da rapariga.

Ela arquejou.

Quase sem se aperceber, a mão dela voou e ele sentiu uma explosão de dor na face esquerda. Cambaleou para trás, desorientado e agarrado ao rosto. Praticamente, contara ver a sua mão manchada de vermelho.

Olhou da sua palma para o rosto dela.

— Ora bem, com esta não contava.

Uma centelha de incerteza, quiçá de contrição, arrefeceu fugazmente o fervor do olhar dela. A seguir, ergueu a mão com uma determinação renovada.

— Ainda não viste nada — rosnou. — Deixa-me em paz, seu... ruivinho.

Ele sentiu as faces a arder, mas não foi da estalada. Sabia que pouco crescera desde que fizera anos e, sim, preocupava-o que a famosa altura dos Ballentines estivesse a passar-lhe ao lado. Raquítico, chamara-lhe Marcus. Cerrou o punho. Se ela fosse um rapaz, ter-lhe-ia dado um soco. Mas um cavalheiro nunca levantava a mão a uma rapariga, nem que ela o levasse a desejar uivar. Marcus, ora bem, Marcus teria sabido lidar com desembaraço com aquela fada maldosa. Tristan logrou apenas escapar apressadamente, com a bofetada ainda a arder-lhe como fogo na bochecha. As *Baladas Líricas* quedaram-se esquecidas na relva húmida.

Capítulo 2



Londres, 1880

Fivesse ela nascido homem e nada disto estaria a acontecer. Não seria deixada à espera numa antecâmara bafienta, a contar o tiquetaque penoso de um velho relógio de pêndulo. O secretário não lhe lançaria olhares desconfiados atrás da sua pequena escrivanhinha cuidadosamente organizada. Não passaria aqui todo o dia — o senhor Barnes, editor e atual proprietário de metade da London Print, teria assinado o contrato na semana passada. Em vez disso, ele estava a *deparar-se com obstáculos* para fechar o negócio. Evidentemente. Havia coisas que uma mulher podia fazer simplesmente por ser mulher, tal como desfalecer por causa de uma leve enxaqueca, e depois havia coisas que uma mulher não podia fazer por ser mulher. Aparentemente, uma mulher simplesmente *não* comprava uma parcela de cinquenta por cento de uma casa editorial.

Deixou tombar a cabeça para trás contra a parede escura apainelada, recordando tardiamente que usava um chapéu quando este se esmagou com o impacto.

Estava tão perto. Tinham apertado as mãos. Barnes estava ansioso por vender rapidamente e por se mudar para a Índia. Como era habitual no ramo dela, tratava-se meramente de uma questão de esperar. Infelizmente, paciência não era uma das suas virtudes.

Por detrás das suas pálpebras pesadas, a mente dela percorreu ociosamente a London Print. Vista do exterior, a sede da editora tinha um aspeto

cativante e moderno, uma fachada elegante de granito com quatro pisos de altura, situada numa das mais caras artérias londrinas. A condizer com uma empresa cujos dois periódicos de sucesso alcançavam com regularidade por mês mais de oitenta mil mulheres de classe alta e média. Todavia, os pisos dos gabinetes eram tão enfadonhos como as opções editoriais: escrivainhas demasiado pequenas, salas demasiado escuras e a obrigatória entrada lateral para a única mulher que lá trabalhava — a filha datilógrafa do senhor Barnes — era uma escadaria da criadagem cheia de teias de aranha. Se estava mesmo interessada em ficar com o lugar, a entrada lateral seria a primeira coisa a desaparecer.

O som discreto de uma campainha levou-a a abrir os olhos.

O secretário levantara-se.

— *Lady* Lucinda, tenha a bondade.

O senhor Barnes aproximou-se nos seus habituais modos apressados quando ela entrou no seu escritório. Pendurou o chapéu e o casaco *tweed* dela no bengaleiro já sobrecarregado, e a seguir ofereceu-lhe um chá enquanto ela se sentava à sua escrivainha, oferta declinada por ter um comboio para apanhar que a levaria de volta a Oxford.

Mais espreitadelas dissimuladas, desde a direção da mesa de datilografia de *Miss Barnes* à esquerda. Desnecessariamente, na verdade, tendo em conta que a jovem já a vira antes em carne e osso. Ela assentiu-lhe com a cabeça e *Miss Barnes* depressa baixou os olhos para a sua máquina de escrever. Que diabo — ela era uma líder do movimento sufragista, não uma criminosa à solta. Embora para muita gente isso viesse a dar no mesmo.

O senhor Barnes também a olhou com cautela.

— É a direção — disse ele. — A direção está a tentar perceber as suas motivações em tomar conta de revistas como a *Home Counties Weekly* e a *Discerning Ladies' Magazine*.

— Não é para tomar conta, é para ser coproprietária — corrigiu *Lucie* —, e as minhas motivações são as mesmas de sempre: as revistas têm um alcance tremendamente vasto, uma rede de leitores ampla, e ainda um evidente potencial de crescimento. Além disso, a vossa aquisição de *Um Punhado de Poemas* mostrou que a *London Print* é capaz de se ramificar com sucesso no mundo editorial. Toda a gente de olho na edição está interessada, senhor Barnes.

Mais importante, havia apenas mais dois acionistas, cada um deles detentor de vinte e cinco por cento da *London Print*, ambos sócios discretos, um deles residente no estrangeiro. Não teria nada que se atravessasse no caminho do seu rumo editorial.

— Tudo isso é bem verdade — disse o senhor Barnes —, mas a direção apenas na nossa derradeira reunião se apercebeu de que a senhora estava por detrás do Consórcio de Investimento.

— Não estou a entender no que isso possa afetar o nosso negócio.

O senhor Barnes puxou a gravata. A sua cabeça careca tinha o revelador brilho da transpiração nervosa. Invariavelmente, ela tinha este efeito nas pessoas — deixava-as nervosas. *É por seres muito determinada*, explicara-lhe Hattie; *talvez devesse sorrir mais para os assustares menos*.

De forma experimental, sorriu ao senhor Barnes.

Pareceu ainda mais assustado.

Teatralmente, retirou e dobrou os seus óculos antes de finalmente a olhar nos olhos.

— Minha senhora, permita-me que seja franco.

— Por favor — disse ela, com alívio.

— É politicamente muito ativa — arriscou a dizer o senhor Barnes.

— Sou uma das líderes do movimento sufragista britânico.

— Efetivamente. E, como tal, por certo terá a consciência de que é, há..., uma figura um pouco controversa. Creio que num artigo recente o *The Times* a apelidou exatamente disso mesmo.

— Creio que o artigo usou as palavras «chata execrável» e «megera incómoda».

— Exatamente — disse o senhor Barnes, embaraçado. — Como é natural, a direção questiona-se quanto ao que levará alguém que tem por objetivo perturbar a atual ordem social a ter interesse em deter revistas tão sãs, já para não falar da poesia romântica.

— Ora essa, assim até parece que a direção teme que eu tenha motivações ocultas, senhor Barnes — redarguiu, num tom brando. — Que não estou, na verdade, atenta a uma boa oportunidade de negócio, desejando antes encetar uma revolução entre mulheres respeitáveis através da *Home Counties Weekly*.

— Ah, ah, ah. — O senhor Barnes riu-se; visivelmente, era precisamente o que temia. — Bem, não — disse então —, perderia imensas leitoras.

— Tem toda a razão. Vamos deixar o esforço revolucionário para *The Female Citizen*, não é melhor?

O senhor Barnes retraiu-se face à menção ao panfleto radical dos direitos da mulher. Mas recuperou depressa.

— Com todo o respeito, a edição exige uma certa paixão pelo assunto, um conhecimento profundo dos gostos dos leitores. Tanto a *Discerning*

Ladies' Magazine como a *Home Counties Weekly* focam-se em assuntos relevantes para a mulher de boas famílias.

— O que não deverá ser problemático — disse Lucie —, tendo em conta que eu própria sou uma mulher de boas famílias. — *Ao contrário de si, senhor Barnes.*

O homem pareceu genuinamente confuso.

— Mas, estas revistas têm por fim promover assuntos femininos saudáveis... moda... lida doméstica... uma família calorosa e feliz. — Virou-se para o canto onde a sua filha já há algum tempo deixara de datilografar. — Não é assim, Beatrix?

— Sim, pai — respondeu de pronto *Miss Barnes*. Nitidamente, ela ouvira com atenção tudo o que fora dito.

Lucie inclinou a cabeça.

— *Miss Barnes*, lê a *Home Counties Weekly* e a *Discerning Ladies' Magazine*?

— Claro, minha senhora, todos os exemplares.

— E é casada?

As maçãs do rosto de *Miss Barnes* enrubesceram ao de leve.

— Não, minha senhora.

— Muito sábia. — Voltou-se para o senhor Barnes. — Tendo em conta que *Miss Barnes* é uma leitora entusiástica das duas revistas, ser uma mulher solteira evidentemente não impede que haja um interesse em temas femininos saudáveis.

Agora, ele estava visivelmente desorientado.

— Mas, a diferença é que a minha filha estaria interessada por ter a perspectiva de alcançar tudo isso, e em breve.

Ah.

Enquanto ela, Lucie, não teria tais perspectivas. *Um lar. Uma vida familiar feliz.* A sua corrente de pensamento ficou por momentos desordenada. Estranho, porque não deveria ser assim — o que Barnes dissera pura e simplesmente era verdade. Não possuía os atributos que seduziam um homem, como a figura de curvas suaves e o olhar gentil de *Miss Barnes*, que prometiam todos os confortos domésticos que um marido poderia desejar. Não, era uma ativista política, e a aproximar-se rapidamente dos trinta. Não fora apenas deixada na prateleira, ela era a prateleira, e não havia um único cavaleiro em Inglaterra interessado no que tinha para oferecer. Era de reconhecer que o que tinha para obsequiar era de pouca monta. A sua sala de estar albergava uma impressora e a sua vida desenvolvia-se em redor da Causa e

de uma gata exigente. Não havia espaço para a presença de um homem desejoso de atenções. Além disso, a sua mais proeminente campanha desafiava a Lei de Propriedade das Mulheres Casadas — a verdadeira razão para estar agora nesta cadeira a lidar com o senhor Barnes. Se a lei não fosse emendada ou abolida de imediato, iria perder o seu pequeno fundo fiduciário para qualquer marido após o casamento, a par do seu nome e da personalidade legal, e tornar-se-ia, literalmente, um bem. Consequentemente, também o direito ao voto tornar-se-ia para sempre inalcançável. Terrivelmente sedutor. Não, o que ela queria era ter voz na London Print. E ao que parecia estavam a recusar-lhe isso.

Odiou o que teve de dizer a seguir. Mas não persuadira pessoalmente uma dúzia de mulheres prósperas a investir nesta empreitada para depois lhes dizer que morrera na praia. Estaria Barnes consciente sequer de como fora quase impossível encontrar dez mulheres britânicas de posses capazes de gastar o seu dinheiro como bem lhes apetecesse?

A sua voz soou relaxada:

— A duquesa de Montgomery faz parte do Consórcio de Investimento, como é capaz de saber.

O senhor Barnes deu um saltinho de surpresa na cadeira.

— Efetivamente.

Ela fitou-o com um ar sério.

— Vou contactá-la em breve para a pôr a par dos nossos progressos. Temo que fique... perturbada ao descobrir que o seu investimento não foi considerado suficientemente bom.

E uma duquesa perturbada implicaria um duque desagradado. Um duque poderoso desagradado, cujo alcance se estendia até à Índia.

O senhor Barnes retirou um grande lenço de dentro do seu casaco e deu uns toquezinhos na testa.

— Vou apresentar os seus, há..., argumentos à direção — disse. — Estou crente de que irão clarificar todas as dúvidas.

— Faça isso.

— Sugiro que voltemos a reunir-nos no início da próxima semana.

— Virei então visitá-lo na terça-feira, senhor Barnes.



Os pináculos e os telhados azuis de chumbo de Oxford confundiam-se com o céu esmorecente quando ela saiu da estação ferroviária. As estruturas de

arenito dourado da universidade ainda apresentavam um tom rubro com o calor do sol depois de este se ter posto. Por norma, a visão da cidade antiga aplacava qualquer má disposição que trouxesse de Londres. As paredes e os salões fundadores da academia não tinham mudado muito desde a última cruzada e percorriam o centro da cidade de forma tão indelével quanto o corrupio de tradições académicas vãs estava impregnado no tecido social de Oxford. Havia naquilo uma estabilidade reconfortante, a verdadeira razão para ela ter aqui montado lar há dez anos. Naturalmente, houve outros motivos que tornaram a cidade uma escolha óbvia: era consideravelmente mais económica do que Londres e, apesar de abençoadamente situada longe dos olhares indiscretos da sociedade, ainda ficava suficientemente perto de Westminster por comboio. Por vezes ela era acossada por lamentações fugazes por as faculdades femininas terem aberto apenas no último ano, quando já era demasiado velha e sem dúvida demasiado conhecida para se inscrever, mas nos seus tempos de juventude pelo menos conseguira pagar a consagrados tutores académicos para umas aulas particulares a fim de desenvolver os seus conhecimentos de álgebra e latim. Mas, acima de tudo, escolhera Oxford por se manter imaculadamente intocada pelo tempo. Uma simples caminhada pela cidade pusera tudo em perspetiva, semelhante à vastidão do mar: o que era uma rapariga banida de casa face a estas paredes que guardavam centenas de anos do melhor do conhecimento humano? A menos de oitocentos metros a leste da sua casa, em Norham Gardens, tinham trabalhado génios como Newton, Locke e Bentham. Nas raras ocasiões em que se sentia confusa, imaginava as mentes brilhantes há muito desaparecidas a rodearem-na como fantasmas paternalistas, murmurando encorajamento, porque também eles se haviam dedicado a causas que outros terão achado desprovidas de sentido.

Esta noite, a cidade não logrou animá-la. Uma sensação soturna permanecia alojada sob a sua pele quando chegou à porta de casa e ainda sentia as pernas doridas devido ao cansaço. A esta hora, mal tinha forças para ir visitar as amigas, mas Catriona ainda estaria a trabalhar num antigo manuscrito no apartamento do pai, em St. John's... Assim sendo, destrancou a porta de entrada. Lamentar-se pelo medroso Barnes não iria deixá-la mais descontraída. Ora bem, uma boa cavalgada servia para desentorpecer os membros. Mas já há imenso tempo que não via o seu cavalo, desde que deixara Wycliffe Hall, e tanto quanto sabia o seu garanhão já morrera há muito. Arrastou-se pelo seu corredor parcamente iluminado, pensando se deveria deixar de usar o seu título. Só por uns tempos fora uma senhora de nome.

Assentiu com a cabeça na direção da tia Honoria, no retrato pendurado na parede, quando atravessou a sala de visitas e depois deteve-se à entrada da sala de estar. Curvou os lábios num sorriso retorcido. Não, esta não era a residência de uma nobre. A mesa gasta ao centro da sala estava rodeada por cadeiras desemparelhadas e coberta por mapas estratégicos, chávenas de chá vazias e um boletim sufragista ainda a meio. A máquina de costura encostada à parede, à esquerda, era essencialmente usada para fazer estandartes e faixas. Havia uma planta morta do tamanho de um homem no canto à direita. Nem um único convite da parte de uma família respeitável decorava a cornija da lareira. Em vez disso, a parede em volta estava pejada de recortes de jornal amarelcidos e o estandarte que ela bordara com a sua citação preferida de Mary Wollstonecraft: *Não desejo que as mulheres detenham poder sobre os homens, mas sim sobre elas próprias.*

Pior que tudo, esta divisão já acolheu prostitutas do bordel de Oxford, que ouviram falar dela através do boca a boca e procuraram apoio, e por vezes recebeu mulheres solteiras a morrer de vergonha com perguntas sobre métodos contraceptivos. Guardava uma caixa de anticoncepcionais escondida num armário de cerejeira de aspeto inocente. Nem sequer as suas amigas sabiam da existência dessa caixa e das visitas, pois, apesar de sob o governo de Gladstone estar muito na moda salvar *mulheres caídas em desgraça*, ela não salvava ninguém; dava apoio a quem a visitava nas formas que entendia adequadas, o que nada ficava a dever a um escândalo. Sim, a maioria das senhoras de bem bateriam rapidamente em retirada de sua casa.

Patas pequenas tamborilaram sobre as tábuas do soalho quando um vulto negro avançou velozmente na sua direção. *Boudicca* trepou-lhe pela saia e instalou-se pesadamente sobre o ombro esquerdo.

— Boa-noite, gatinha. — Lucie sentiu na bochecha a pelagem brilhante reconfortantemente macia e quente.

Boudicca tocou com o focinho na testa dela.

— O teu dia foi bom? — mimou-a Lucie.

Mais uma marradinha. Ergueu o braço e passou a mão desde as orelhas da gata até aos quadris. Satisfeita, *Boudicca* mergulhou de novo para o chão e pavoneou-se até ao seu canto junto à lareira, a cauda com a visível ponta branca espetada como um ponto de exclamação.

Com um gemido, Lucie retirou a sua bolsa do ombro. Ainda tinha trabalho pela frente e tinha de comer, pois o seu estômago distraía-a com roncões zangados ao fim de um dia sem almoço nem lanche.

Mrs. Heath, há muito habituada aos seus maus hábitos alimentares,

deixara no fogão da cozinha uma panela com estufado. O jornal do dia esperava por ela na mesa junto a uma tigela limpa.

Leu enquanto comia, murmurando a sua desaprovação ao ler os títulos da secção de política. Na secção de conselhos matrimoniais, um agricultor com um rendimento de duzentas libras ao ano procurava uma mulher na casa dos quarenta que lhe tratasse dos porcos e de cinco filhos, por esta ordem. Desaprovou especificamente isto. Quando regressou à sua escrivaninha na sala de estar, alimentada e informada, a noite caíra para lá dos cortinados fechados das janelas salientes.

Esta noite, a pilha mais alta de correspondência por concluir imperava no canto da secretária, dedicado à educação das mulheres. Acabara de pousar a caneta no papel quando chegou até si o som de uma gargalhada. Espreitou para cima franzindo o cenho. O risinho estridente pertencia a Mabel, *Lady Henley*, uma viúva, companheira sufragista e inquilina da metade adjacente da sua casa geminada. Este trato serviu-lhes bem, pois ia em consonância com a regra de que nenhuma mulher jovem e solteira deveria morar sozinha. Mas parecia que *Lady Henley* se encontrava em frente da sua janela e, conhecendo-a, havia apenas uma única razão para estar a dar risadas como uma donzela. Sem espanto, seguiu-se o murmúrio grave e sedutor de uma voz de barítono masculina.

A sua caneta avançou. Mais risos. As travessuras da sua vizinha não deveriam preocupá-la. Sendo suficientemente descarada, uma viúva poderia discretamente tomar algumas liberdades a que nenhuma mulher por casar se atreveria, e pelo que tinha de ouvir através das paredes partilhadas da casa dela, *Lady Henley* a isso se atrevia ocasionalmente. Arriscado. Disparatado, até. Também poderia refletir-se negativamente em Lucie. Mas a verdade é que os homens instalavam as amantes em apartamentos elegantes e saciavam o seu prazer sempre que lhes apetecia, e toda a gente alegremente fingia que tal hábito não existia...

Um guincho feminino de excitação trespassou as cortinas fechadas.

Lucie pousou a caneta. Viúva ou não, nenhuma mulher era imune ao escândalo. E apesar de *Lady Henley* não estar matriculada na universidade, convivia com alunas de Oxford através do comité sufragista e, portanto, algo que manchasse a sua reputação também afetaria a reputação das mulheres de Oxford, quando deveriam demonstrar um comportamento imaculado.

Contornou a escrivaninha e puxou as cortinas. Rodaram cabeças na sua direção e ela mirou-os com frieza.

Oh. Que diabo, não.

A luz do seu quarto revelou, sem surpresa, uma excitada *Lady* Henley. Mas o homem... havia apenas um homem em Inglaterra com maçãs do rosto tão destramente esculpidas.

Sem pensar, abriu a janela.

— Tu — deixou ela escapar.

Capítulo 3



*F*ristan, Lorde Ballentine. Canalha, sedutor, desgraça da sua juventude. O peitilho dele desapertado, o cabelo desgrenhado como se atacado por dedos amorosos, parecia exatamente o homem que era. O coração dela bateu agitado. O que fazia ele à porta dela?

As próprias emoções dele, se é que as tinha, nada revelavam. Contemplou-a com a sua habitual indiferença de enfado antes de o canto da boca se erguer e ele baixar a cabeça.

— *Lady* Lucie. Que agradável surpresa.

— O que fazes aqui? — disse ela, num tom monótono.

Os dentes dele cintilaram.

— Conversava alegremente até uma rabugenta abrir uma janela.

Já lá ia um ano desde a última vez que o vira. Ele regressara da guerra no Afeganistão há seis meses; os jornais divulgaram extensamente que recebera a Cruz Vitória por extraordinária coragem no campo de batalha. Mais interessante, fora-lhe dado assento por nomeação na Câmara dos Lordes.

Não deixava de ser um patife. Sabia que ele incomodara Annabelle no baile de Ano Novo de Montgomery. Agora, ostentava as suas façanhas de sedução diante da janela dela.

— Calculo que se conheçam? — *Lady* Henley encaixou-se entre os olhares presos de ambos.

Lucie pestanejou na direção dela. Esquecera a presença da sua senhoria.

— Lorde Ballentine é um velho amigo do meu irmão — esclareceu ela.

— Oh. Que encanto.

Lady Henley estava a fazer-se ao homem — à frente dos seus próprios olhos. Naturalmente, ele estaria habituado a isso. De debutantes a mulheres de meia-idade, as mulheres tinham tornado um desporto estarem pelo menos um pouco apaixonadas por Lorde Ballentine. Metade adorava-o pela sua rara beleza masculina, o seu cabelo arruivado sedoso, uma linha do maxilar perfeita e uma boca indecentemente macia. A outra metade era atraída pela garantia de devassidão escondida por detrás das suas feições harmoniosas: o toque libertino daqueles lábios suaves e o cintilar sabedor que sussurravam *Revela-me os teus desejos, os mais ocultos, e nada me chocará*. Havia magia negra no que tocava a um homem que se deixava fascinar facilmente e que era impossível abalar. *Lady Henley* parecia embriagada com aquele encanto sinistro e tombava na boca de Tristan como uma mosca numa planta carnívora.

Lucie cravou-lhe um olhar penetrante.

— Desculpa-me a ousadia, mas seria sensato se se conhecessem melhor.

— Conhecer — disse lentamente *Lady Henley*.

— Sua senhoria. — Traçou um círculo na direção do agora dissimuladamente relaxado nobre.

A expressão de *Lady Henley* tornou-se mais fria.

— És muito amável em aconselhar-me.

— Temo que arrisques atrair as atenções.

— Ninguém consegue ver-nos. Há um arbusto. — A senhora apontou para o rododendro amplo que os ocultava, o seu corpo uma vez mais a arquear na direção do visconde.

Lucie sentiu um prurido desagradável no pescoço.

— Não deixa de ser uma visão bastante imprópria para uma sufragista.

Lady Henley, criatura teimosa, enrugou o nariz.

— Ah, é? Diz-me lá, não foste tu que nos disseste que as mulheres deveriam lutar pelas suas aspirações e desejos? Sim, disseste-o.

— Essa agora — disse arrastadamente Ballentine, intrigado.

Lucie teve de se esforçar para abrir a boca.

— O contexto era um pouco, mas significativamente, diferente. Não tivemos já escândalos suficientes a ameaçar este ano as faculdades femininas?

Lady Henley fez beicinho.

— Muito bem. Penso que já será uma hora tardia. — Fitou Ballentine por baixo das pestanas.

— Fica o conselho dado — frisou Lucie, preparando-se para fechar a janela. Ou tentar. A janela não se mexeu. Fez mais força. Ainda presa. *Lady Henley* inclinou a cabeça. Sua senhoria observava o esforço dela com interesse crescente.

Ela sentia a cabeça quente. Como é que podia estar encravada? Cerrou os dentes. Que inferno, a janela não saía do lugar.

— Com licença — disse Tristan, aproximando-se.

— Não preciso...

Ele abriu os dedos e assentou as pontas sobre o caixilho de madeira. Com um deslizar lento e firme, a janela baixou e assentou com suavidade na base entre eles.

O rosto dela refletiu-se lá, distorcido, com os olhos estreitados, o seu cabelo muito esticado sem graça a escapar-se do coque.

Do outro lado do vidro, a presunção de Ballentine reluzia como um raio na noite.

Ela cerrou repentinamente as cortinas.

— Não lhe ligue — ouviu-se a voz abafada de *Lady Henley* —, é uma solteirona.

Ela rodopiou, com o coração a bater intensamente como se tivesse estado a correr. Que reação física pateta e exagerada. Não era preciso deixar-se levar pelas emoções. Mas teria de se afastar se não pretendia testemunhar os avanços de Ballentine com *Lady Henley* através das paredes comuns. Não queria mesmo testemunhar aquilo.

Atenta ao estado de espírito dela, *Boudicca* apareceu uma vez mais vinda vagorosamente do seu canto, os seus olhos amarelos sob a luz do candeeiro a gás. Roçou na saia de Lucie até esta se curvar e lhe fazer festas. Ao sentir sob os dedos o pelo macio, a batida do coração sossegou.

Não necessitava de se preocupar com *Lady Henley* a lançar-se ao rio Ísis por causa de Ballentine como outras haviam ameaçado antes — ela não era ingénua. E Ballentine era precedido pela sua fama de sedutor; na realidade, era a última pessoa a tentar esconder o que pretendia. Cálculo da sua parte, desconfiava ela, pois encorajava imensas mulheres a tentar recuperá-lo com amor feminino curativo, e uma boa quantidade delas tramou-se por serem ambiciosas.

Reuniu o tinteiro, o mata-borrão, a caneta de tinta permanente, as suas anotações. A caminho da porta, deitou a mão a um xaile, pois havia sempre uma corrente de ar na biblioteca do Lady Margaret Hall.

Saiu disparada porta fora e desceu os degraus a correr, detendo-se então

para insuflar ar nos pulmões. A aragem fresca da noite revelou-se um bálsamo para as suas faces quentes.

— A dar um passeio, minha senhora?

A voz sedosa envolveu-a por trás.

Voltou-se lentamente, com as mãos cerradas em punhos.

Tristan estava apoiado no parapeito da janela, com um cigarro aceso entre os dedos. Junto a ele, a sua bengala estava encostada à parede, com o punho exagerado de âmbar a brilhar como um olho malévolo sob a luz da lanterna.

— Ora essa, foi rápido. — Não havia vestígios de *Lady Henley*.

— Algo se passou que deu cabo do ambiente — disse ele, expelindo fumo pelo nariz.

— Que pena.

— De maneira nenhuma. Foi bastante divertido.

Afastou-se do parapeito e aproximou-se, com o seu corpo alto a projetar nela uma sombra comprida. Ela sentiu uma agitação na barriga, como uma centena de asas suaves e frenéticas. Bem, que chatice. Durante as ausências dele, esquecera como era imponente; mas sempre que se cruzavam, ela voltava a ter a consciência precisa disso mesmo.

Sentira essa agitação uns anos antes ao abordar membros do parlamento num corredor em Westminster. Tristan estava prestes a embarcar no seu primeiro destacamento — por ordens do pai, assumira ela, pois não havia nele um mínimo de disciplina militar. Mas quando apareceu inesperadamente diante dela, sentiu uma corrente de calor a disparar no corpo, que a prendeu ao lugar. Já não o encarava como um cenourinha enfadonho. Em vez disso, fora emboscada por uma versão dele que toda a gente via: um rosto com uma simetria esculpida. Ombros amplos. Ancas estreitas. A famosa constituição Ballentine, num uniforme aprimorado. De repente, a atração sem rédeas afligira-a com uma necessidade desconhecida de remexer no cabelo. Humilhante. Não era nada próprio dela admirar a estética de um homem bem constituído. Mas *ele*? Durante seis longos verões o rapaz Tristan atormentara-a na própria casa dela com olhares lascivos e partidas — sendo que ela *odiava* partidas. Pior, fizera-se amigo do irmão dela, dos primos e da mãe, até ela se sentir cada vez mais deslocada à mesa de jantar. A ver pelos cabeçalhos escandalosos sempre que pisava solo britânico entre destacamentos, não conseguira melhorar.

Ele deteve-se diante dela, demasiado próximo, e ela ergueu o queixo. Por alguma ironia do destino, *ela* ganhara um par de centímetros em altura desde o primeiro encontro deles em Wycliffe Park.

— Não devias ficar a rondar a nossa porta — disse-lhe ela.

— E tu não devias andar por aí sozinha à noite.

Na orelha direita dele, o brilho do brinco de diamantes cintilou friamente como uma estrela.

Ela franziu o lábio.

— Não te incomodes comigo.

Ela retomou o passo.

— Preferia que assim fosse. — Estava junto dela, bastando um passo quando ela dava dois. — No entanto, receio que me veja obrigado a acompanhar-te.

— A sério, não são necessárias atitudes cavalheirescas.

— Um cavalheiro insistiria em levar a tua bolsa. Estás torta.

Ele, visivelmente, não insistia em transportá-la.

E ela seguia na direção errada, reparou, horrorizada. Bolas. Agora, não podia dar a volta; iria parecer que fugia dele, e de forma bastante irrefletida.

— A reputação de uma senhora corre maior perigo quando na tua companhia do que andando sozinha às escuras — tentou ela.

— A tua fé na minha notoriedade subjuga-me.

— Sem dúvida que resultou com *Lady Henley*.

— Quem?

Ela fungou.

— Esquece. — E porque *efetivamente* a irritou a possibilidade de ele denegrir a reputação do seu lar por nada: — Calculo que, quando a caçada seja o objetivo, os nomes não passem de pormenores entediantes.

— Nem imaginarias. — Ele soou confuso. — Eu nunca çaço.

— Que grau preocupante de desconhecimento da realidade.

Ele fez um som de reprovação.

— Não leste o teu Darwin? O macho pavoneia-se, a fêmea escolhe, sempre assim foi. Contempla o macho determinado na caça... ele espera que não repares que a plumagem é de qualidade duvidosa.

— Enquanto a tua, naturalmente, é superiormente ampla e iridescente.

— Garanto-te que não é iridescente — ripostou num tom insosso.

Ela sentiu a irritação a subir-lhe pelo pescoço.

— As senhoras parecem não se importar.

— Minha querida — murmurou ele. — Sinto aí ciúmes?

Os dedos dele cingiram a tira da bolsa dela. Conseguiria fazer com que o engano no caminho parecesse deliberado? A não ser que mudasse de rumo, acabaria no centro da cidade de Oxford.

— Acho que é precisamente isso — disse Tristan. — Explicaria por certo o facto de sabotares frequentemente as minhas ligações.

— Sei que achas muito interessantes os teus gracejos, mas esta noite cansaram-me.

— Lembro-me daquela ocasião com *Lady Warwick*.

Apesar de contrariada, a recordação regressou, dois vultos num jardim às escuras. Ele não poderia ter mais de dezassete anos.

— Foi horrível — comentou. — Ela tinha acabado de regressar da lua de mel.

— E já estava completamente entediada.

— Devia estar mesmo desesperada. Não significa que merecesse ser desvirtuada numa mesa de jardim.

— Desvirtuada? Meu Deus.

Ele soou vagamente ofendido. Perfeito. Iam a meio de Parks Road e ela desejou que ele fosse embora.

— Quem diria — disse ela —, o infame libertino recorda-se das suas ligações.

— Oh, nada disso — foi a branda reacção dele. — Apenas das que se afastaram.

Que, provavelmente, terão sido muito poucas.

Ela estacou e virou-se para ele.

— Querias alguma coisa em particular?

O olhar dele cintilou a amarelo sob a luz dos candeeiros de rua, de certa forma como o de *Boudicca*.

— Não seria em particular, acho — disse ele então, falando em voz baixa. Quase um ronronar.

Ela fitou-o sem pestanejar, com um ar de superioridade, apesar de o seu coração bater de forma mais intensa. Ele por vezes fazia isto, dizia coisas de uma forma que sugeria que se imaginava a sós com ela, despidos. Calculou que falaria assim com todas as mulheres: com a intenção de seduzir. A ela, dizia-o com a ideia de a irritar.

Ele ia falar, mais comentários parvos, por certo, mas depois pareceu mudar de ideias. O que disse a seguir não poderia tê-la surpreendido mais:

— Eu ia deixar o meu cartão para me encontrar contigo quando me cruzei com a tua vizinha.

Encontrar. Com ela. Porquê?

— Depois de amanhã, no novo café de Blackwell — disse ele perante a falta de resposta. — A não ser que prefiras outro local.

— O que se passa, Ballentine?

— Corre o rumor de que és especialista na indústria editorial britânica e preciso dos teus conselhos.

Tudo aquilo a assustou.

— Quem te disse?

Ele sorriu.

— Encontra-te comigo e logo te conto.

Ele era terrivelmente entediante e era difícil interpretá-lo na escuridão da noite.

— Mesmo que estivesse disposta a encontrar-me contigo, e não estou, deve haver dezenas de cavalheiros que poderiam aconselhar-te.

— Tenho interesse por leitoras de classe média e alta. Pareceu-me lógico abordar uma mulher que percebe de índices de leitura.

Mirou-o. O homem diante dela parecia igual a Tristan, com o seu casaco de veludo carmesim espalhafatoso e a ostensiva bengala de âmbar. No entanto, as palavras que lhe saíam da boca não eram típicas dele, pois nunca o soubera interessado por algo em particular nem suspeitara que fosse capaz de muita lógica. E a verdade é que se manifestava interessado em *leitoras*, o que combinava com a sua personalidade e interesses.

— Vá lá, Lucie. — A voz dele aprofundara para um tom mais caloroso, mais rico. Daquele tipo que se imiscui sob a pele de uma mulher e a leva a fazer uma estupidez. — Vamos combinar um encontro — insistiu. — Pelos bons velhos tempos.



Tristan recuou e observou a turbulência a encrespar no olhar de Lucie, escura e a enfumar como nuvens de tempestade. O rosto élfico dela estava carregado de decepção enquanto duas emoções fortes a puxavam para um lado e para o outro: a sua curiosidade, a par do profundo desprezo por ele nutrido.

Houve uma altura, naqueles verões de dor e prazer em Wycliffe Hall, em que ele viveu para provocar uma reação, qualquer reação, na inexpugnável *Lady* Lucinda Tedbury. Os seus crimes insignificantes, pouco piores do que enfiar as tranças claras dela em tinta — na única vez em que lhe tocou no cabelo — ou substituir a coleção dela de primeiras edições de ensaios de Wollstonecraft por revistas indecentes.

Ou deixar-se apanhar a beijar *Lady* Warwick sobre uma mesa de jardim.

Tudo para gerar uma reação.

E apesar de já não ser um rapaz esquelético, ansioso por migalhas da atenção dela, parecia que ela ainda exercia algum ascendente sobre ele. Nostalgia, sem dúvida. Ela irradiava irritação e guardava ressentimentos, desde esses verões. Mas ela estava aqui, viva e a respirar, os tons familiares e refrescantes do seu sabão de lúcia-lima a chegarem até ele através do fumo do cigarro, e isto levou-o a sentir-se quente sob o seu casaco.

— Não há nada nos velhos tempos que te sirvam de recomendação — disse ela friamente.

— Então, temo que tenha de apelar à tua mente caridosa — reagiu.

A Lua encontrava-se bem alto no céu noturno e sob a luz difusa o cabelo de Lucie brilhou como uma moeda de prata polida. Ele recordou a sensação entre os seus dedos naqueles segundos há tantos anos roubados, fresco e esguio como a mais pura das sedas... *E tudo o que há de melhor na escuridão e na luz / Reúnem-se no ar e no olhar dela...*

Ele imobilizou-se. Sentiu-se a paralisar sob a brisa do verão. O verso servira apenas para o emboscar. Garantidamente, não passava de um verso básico de Byron. Mas ele já não ouvia poesia... há anos. Interessante.

Sacudiu-se.

O assunto estava prestes a tornar-se interessante por motivos completamente diferentes. As verdadeiras razões para a incursão de Lucie na edição nada tinham que ver com a edição — o instinto dele raramente se enganava em tais matérias. E, se as suspeitas dele se confirmassem, seria forçado a detê-la.

— Estarei no Blackwell's às dez e meia — disse ele. — Depois de amanhã. Ouvi dizer que o café é suportável e faria muito gosto que aparecesses. — Deu um piparote na beata do cigarro, atirando-a para a escuridão. — E, minha querida, creio que a biblioteca fica para o outro lado.

Capítulo 4



Dia seguinte, castelo de Ashdown

Escuro, frio e absolutamente silencioso — o escritório do pai dele era uma cripta. A impressão foi em parte gerada pelo pesado mobiliário de ébano e pelos cortinados com a grossura de um dedo, mas principalmente pelo próprio guardião da cripta: quando o conde de Rochester pisava o chão, abatia-se a escuridão e o silêncio.

Estava instalado à sua escrivaninha quando Tristan entrou, num cenário dos seus bens mais valiosos: uma enorme tapeçaria ostentando a árvore genealógica dos Ballentines desde 1066, oferta pessoal à Casa de Rochester por Henrique VIII. Tradição. O nome de família. Favores régios. Tudo o que Rochester mais valorizava estava incorporado neste embolorado pedaço de seda bordado. Se tivesse de optar entre salvar de um fogo uma criancinha indefesa ou a tapeçaria, não hesitaria em deixar a criança entregue às chamas. E sempre que Rochester se instalava à secretária, os ramos da família estendiam-se até à sua cabeça, dando a impressão de lhe estarem a crescer hastes com folhas. A primeira vez que Tristan reparara nisto desde o seu lado na escrivaninha tinha oito anos, e de uma forma tão natural que desatou a rir. Logo a seguir, sangrava de um lábio rachado, enquanto Rochester já se encontrava de novo sentado à secretária. As costas da sua mão atacaram súbita e repentinamente como uma serpente.

— A tua mãe não está a passar bem — informou Rochester. Era uma queixa, não uma preocupação.

— Lamento saber — disse Tristan, num tom nivelado.

— Se assim fosse, terias ido falar com ela. Não puseste os pés nesta casa desde que regressaste.

Ele assentiu com a cabeça. Fora, naturalmente, ideia de Rochester alistar Tristan no exército de Sua Majestade e enviá-lo para lugares longínquos como o Indocuche. E ele com gosto tê-lo-ia deixado por lá, não fosse Marcus, o infalível Marcus, ter partido o pescoço.

— Vou visitar a mãe já a seguir a isto. — Fosse lá o que fosse *isto*. O pai ainda não revelara o propósito deste encontro.

Rochester uniu os dedos pálidos em concha, como fazia sempre que chegava ao âmago de uma questão, e fixou-o com um olhar gélido.

— Tens de casar.

Casar.

A palavra deu voltas e voltas na sua mente, como se se tratasse de uma frase complexa em pastum ou dari e sentisse dificuldade em descortinar-lhe o sentido.

— Casar — repetiu, com a voz a soar estranhamente distante.

— Sim, Tristan. Tens de arranjar uma esposa.

— Agora?

— Deixa-te de preciosismos. Tens três meses. Três meses para anunciar o teu noivado com uma mulher qualificada.

Desenrolaram-se os primeiros tentáculos de uma raiva gélida. Uma esposa. Não estava em posição de se comprometer com algo do género. Naturalmente, desde que se tornara o herdeiro, o matrimónio pairara sobre o horizonte futuro, mas sempre que se aproximava dissolvía-se ao longe. Por muito que apreciasse as mulheres, a sua maciez, o seu odor, a sua astúcia, uma mulher enquanto esposa era um animal diferente. Haveria exigências e obrigações. Haveria... pequenas alterações na sua imagem. Haveria... expectativas. Um arrepio percorreu-lhe a espinha.

— Porquê agora? — O seu tom teria alarmado outro homem.

Rochester estreitou os olhos.

— Vejo que o serviço militar não conseguiu curar a tua pobre falta de atenção. Vou explicar-te: tens vinte e sete anos. És o herdeiro do título e, tendo em conta que o Marcus deixou a sua viúva sem filhos, és o último herdeiro direto na linhagem dos Ballentines. O teu principal dever é agora gerar outro herdeiro. Se não o fizeres, quatrocentos anos de soberania Ballentine sobre o título Rochester chegarão ao fim e os Winterbournes mudam-se para a nossa casa. E tu tens andado há um ano a esquivar-te às tuas responsabilidades.

— Tenho de insistir, estava retido na Índia, a tentar convalescer de ferimentos de bala potencialmente fatais.

Rochester abanou a cabeça.

— Regressaste há seis meses. E foste diligente a cortejar potenciais noivas? Não, tu geraste cabeçalhos a implicar que encornaste pares teus e rumores aludindo a... crimes puníveis.

— A sério? — Estava genuinamente intrigado.

Rochester estreitou os lábios. Por uma fração de segundo, pareceu uma versão mais jovem de si mesmo que levava o seu tempo a escolher um instrumento para aplicar outro castigo. Pela impaciência de Tristan. Ou pelo seu gosto por poesia e objetos bonitos, ou o afeto «ameninado» pelos seus animais de estimação. Só podia irritar Rochester que o seu único instrumento de domínio hoje em dia fosse o apertado controlo financeiro que exercia sobre o filho. Só podia sentir a falta do elemento de gratificação imediata. E, se tudo corresse conforme planeado, Rochester também perderia esse controlo. As coisas tinham de seguir o plano porque, que diabo, ele não ia agora desposar ninguém.

— Não tenho por hábito ler as páginas de mexericos — disse ele. — Considere-me abençoadamente alheado de quaisquer rumores associados à minha pessoa.

O conde debruçou-se lentamente sobre a mesa.

— Foste visto num estabelecimento.

— É bem possível.

— Com o filho mais novo do Marquês de Doncaster.

Aquilo sacou-lhe uma risadinha de surpresa.

— Os rumores são sobre Lorde Arthur?

O modo descontraído como o disse empalideceu Rochester. Interessante.

Não se preocupe com Lorde Arthur Seymour, meu pai... apenas o deixei assistir enquanto eu fodia alguém. Tinha as palavras na ponta da língua.

— Confie-se na sociedade para fabricar algo a partir do nada — acabou antes por dizer. — Duvido que se tenham atrevido a ser explícitos.

Um músculo retesou-se sob o olho esquerdo do pai.

— O suficiente para o Doncaster chegar a equacionar um processo por difamação.

— Contra quem? Seja como for, trata-se de uma ideia claramente idiota. Todas as pessoas nas Ilhas Britânicas ficariam a par das tendências doces do Arthur.

— E possivelmente das tuas — rosnou Rochester. — Mesmo sussurros sobre tal assunto são um impeditivo para o teu posto. Uma aliança com

uma senhora de reputação imaculada pode redimir a tua reputação, mas, naturalmente, os pais de tais mulheres estarão hoje em dia pouco interessados em entregá-las a alguém como tu... a não ser que eu lhes ponha uma fortuna à frente.

O queixo de Tristan retesou-se.

— Guarde o seu dinheiro. Não estou a necessitar de uma mulher.

Havia exatamente uma mulher com quem contemplaria algo para lá de uma ligação fugaz, e ela não integrava o mercado casamenteiro.

Rochester não nutria interesse em qualquer desses factos.

— Dadas as circunstâncias, temos de agir depressa — frisou.

Tristan encolheu-se.

— Muito sinceramente, tudo isto ficava bem entregue ao primo Winterbourne. — Acenou com desdém, de uma forma suficientemente vaga para incluir toda a casa de Rochester: uma espécie de ambiguidade destinada a irritar o pai.

Os olhos de Rochester estavam sombrios.

— Isto não é uma brincadeira, Tristan.

— Meu pai, já considerou que posso não encontrar em três meses uma mulher qualificada que aceite, tendo em conta a minha reputação demoníaca? Insisto — e isto ocorrera-lhe no momento —, desconfio de que há muito já escolheu uma noiva adequada.

— É evidente que sim. Mas o potencial escândalo levou o protetor dela a evitar assinar um contrato. Não podes humilhar a senhora em questão e a respetiva família propondo-te tal como és.

— Certo... quem é a felizarda?

Rochester abanou a cabeça.

— E tentar-te a cometer alguma tolice antes de tudo tratado? Nem pensar. Por agora, a tua tarefa passa simplesmente por estabelecer uma ligação com matronas relevantes da sociedade e vestires-te e comportares-te como um homem da tua categoria. Começa por tirar essa... coisa.

Apontou os dedos à orelha direita de Tristan. Ele perfurara-a com um brinco de diamantes. Ele *gostava* do brinco. Lançou um olhar gélido ao pai e levantou-se.

— Sobrevivi ao cerco de Sherpur e fui a pé até Kandahar transportando um homem moribundo às costas — disse. — Os meus dias foram mergulhados em mais morte, sangue e imundície do que consigo recordar, por isso perdoe-me se a questão de esposas vestidas de branco e pasquins de mexericos me parecem triviais.

Já praticamente chegara à porta quando o conde ripostou:

— Se queres que a tua mãe permaneça em Ashdown, sugiro que comeces por atentar na gravidade destes assuntos.

Ele paralisou. Várias coisas aconteciam em simultâneo: calor e frio, a pulsação a disparar, o rugido do sangue nos ouvidos. Parte da mente acelerava, a outra imobilizara-se.

Voltou-se para trás com uma lentidão deliberada. O seu corpo estava já a postos para o combate: útil em território inimigo, mas não quando o território assumia a forma de um gabinete de um nobre. *Matar ou ser morto* não passava de uma figura de retórica em herdades rurais britânicas, certo?

— O que tem isto que ver com a mãe? — A sua voz soou ainda mais suave.

O rosto de Rochester era todo ele sombras e ângulos.

— Tal como eu disse, ela não está bem. Pode receber melhores cuidados noutra lugar.

O punho de Tristan estava branco, agarrado à bengala.

— Seja claro.

— Há lugares mais adequados para pessoas no estado dela...

— Está a referir-se a Bedlam?

O conde inclinou a cabeça, o sorriso fino como se tivesse sido cortado com uma faca.

— Bedlam? Não. Há asilos privados que são mais adequados para tratar dela.

Asilos privados. Os lugares para onde esposas e filhas perfeitamente sãs, mas inconvenientes, ainda eram por vezes enviadas para morrer.

Enquanto regressava à escrivania, o cansaço tornou-se patente nos olhos de Rochester — o filho da mãe fora longe de mais. Mas ele fizera-o, por isso devia estar a sentir-se bastante animado.

— Ela está a sofrer — disse Tristan, com o olhar cravado no do pai. — O filho morreu.

Mais uma centelha de emoção.

— Também o meu — disse então o conde num tom áspero.

Noutro dia, noutra vida, poderia ter sentido pena.

— O lugar dela não é numa instituição mental. Iria matá-la, e sabe muito bem disso.

— Tristan, só consigo aguentar determinada irregularidade no meu lar. Podes decidir de quem vai ser: tua ou dela.

Era um ato de extorsão, perante o qual teria de se curvar, e todas as fibras

do seu corpo esforçaram-se por eliminar a ameaça imediata à sua liberdade. Inspirou fundo, uma e outra vez, até baixar o calor irado nas suas veias.

Rochester assentiu com a cabeça e disse, num tom quase amigável:

— Apelo para que cumpras o teu dever. Casa, gera um herdeiro e uns quantos substitutos. Tens três meses para reestabeleceres uma reputação tolerável. Prova que ainda não és um inútil.

Inútil. Inspirara fundo mais uma vez. Inútil — o insulto preferido de Rochester. Quem não servia os planos do conde em algo tombava nesta categoria e, no entanto, mesmo enquanto crescia, *inútil* sempre o atingira bem fundo.

Muito bem. A visita à mãe na ala oeste de Ashdown teria de esperar.

Quando regressou à carruagem e acelerou pela rampa, chegara a uma conclusão quanto ao recurso de Rochester à condessa para o vergar em vez de, como era habitual, recorrer à conta bancária: primeiro, deve ter tomado consciência de que ele, Tristan, estava prestes a alcançar uma certa independência financeira. E, segundo, a questão do casamento era séria e Rochester desconfiara de que mais um corte na sua mesada não alcançaria resultados. Casar com uma mulher da escolha de Rochester e ter filhos com ela recordar-lhe-ia o conde para o resto dos seus dias? Dificilmente. Daí a chantagem do pai, uma vida por outra vida, a dele ou a da sua mãe.

Se cedesse, Rochester transformaria a mãe no nó da sua força que apertaria enquanto ela fosse viva. Isso significava também que necessitava de um plano. Iria contactar com Deli, para a residência do general Foster — talvez se sentisse disposto a alojar dois hóspedes ingleses por uns tempos e sem fazer perguntas. Isso levaria tempo, maldição; cartas levavam semanas a viajar e voltar de tais distâncias. Poderia recorrer ao cabo submarino para enviar um telegrama para Bombaim, mas os cabos de lá para Nova Deli eram cortados com frequência. Por momentos acalentou a ideia de partir com uma inválida para o desconhecido; que se lixasse Foster, que se lixassem os planos. Mas esta impulsividade raramente o beneficiara.

O que era claro era que necessitava de melhorar e aguentar o seu provimento de dinheiro bem mais depressa do que contara. O rosto de Lucie surgiu diante dos seus olhos e uma nova onda de arrependimento atormentou-lhe as entranhas. Ela estava, sem ter a noção, na iminência de se atravessar nos planos que ele estabelecera para a sua nova vida instalado na Grã-Bretanha. E há cerca de quinze minutos a interferência dela tornara-se uma ameaça.

Olhava para o exterior pela janela da carruagem, sem ver nada, enquanto Lucie não parava de lhe invadir os pensamentos. Quando chegou à estação de

comboios, pensou se uma parte dele, aquela que por vezes preencheria as suas noites longas no Oriente com recordações dela e dos verões livres ingleses, estaria deseiosa de estar outra vez no mesmo país que ela.

A carruagem dele encontrava-se vazia e o silêncio era ensurdecedor. Retirou a garrafinha de *whisky* do bolso do peitilho. Por uns tempos, teria de alinhar no jogo de Rochester para ganhar algum tempo. Mas, primeiro, ia embebedar-se.